



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ESTUDO SOCIOINTERACIONAL DO DISCURSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DISTRITO FEDERAL EM CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Vera Lucia Godinho Carneiro ¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo verificar a interação dos professores de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação de Distrito Federal em curso de aperfeiçoamento ministrado pela EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do DF), com o objetivo de identificar por meio do discurso se esses professores estão tendo uma formação continuada que seja capaz de promover mudanças com relação seus métodos de ensino da Língua Portuguesa. Os dados analisados neste trabalho são parciais por se tratar de uma pesquisa em desenvolvimento.

Palavras-chave: Discurso; ensino; formação continuada.

Abstract: This study aims to verify the interaction of teachers of Portuguese State of Federal District Education Secretariat on improvement course taught by EAPE (Improvement School of DF Education Professionals), with the purpose of identify by means of the discourse these teachers are having a continuing training to be able to make changes in relation to their teaching methods of the Portuguese language. The data analyzed are partial because it is a research-development.

Keywords: Discourse; teaching; continuing formation.

INTRODUÇÃO

Proporcionar uma metodologia de ensino que seja capaz de conciliar as diversidades linguísticas com o ensino da norma-padrão tem sido um grande desafio para os professores de Língua Portuguesa. Para gerar essa mudança em suas práticas pedagógicas os docentes devem buscar mais conhecimento, aperfeiçoar a parte teórica em relação aos conhecimentos

¹ Profa. Especialista Vera Lúcia Godinho Carneiro



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

acumulados da Linguística, principalmente da Sociolinguística interacional, isto é, buscar formação continuada.

Para desenvolver nos alunos as habilidades cognitivas necessárias à uma aprendizagem mais ampla, sem separar a língua portuguesa do seu contexto social, é preciso empregar metodologias que interagem o português e o conhecimento cultural do educando. Oferecer uma metodologia de ensino que seja capaz de conciliar as diversidades linguísticas com o ensino da norma-padrão tem sido um grande desafio para os professores de Língua Portuguesa.

Apesar das mudanças que vêm ocorrendo nas práticas pedagógicas, nos últimos anos, permanece a recusa em aceitar a heterogeneidade da língua, e o modelo de ensino tradicional continua sendo praticado nas escolas.

Neste cenário, a Sociolinguística contribui para a proposição de uma metodologia de ensino da Língua Portuguesa que favoreça uma abordagem que realmente envolva a diversidade linguística com o ensino da norma-padrão, tendo em vista que a formação continuada pode promover atualizações na parte teórica do educador com os novos métodos de letramento.

2 SOCIOLINGUÍSTICA

Foi com o engajamento das teorias da Linguística e da Sociolinguística que muitos pesquisadores, em meados da década de 1980, começaram a perceber que a concepção de língua e variação deveria estar aplicada à educação, ou seja, ao ensino da Língua Portuguesa.

A Sociolinguística Interacional é uma vertente da Sociolinguística e seu surgimento veio após a vertente variacionista. Sua análise de estudo concentra-se na interação face a face dentro de um determinado contexto social. Para Bortoni-Ricardo (2014), a interação humana não se constitui de frases desconexas – pelo contrário, obedece a princípios de coerência interna e é a teoria da sociolinguística interacional que procura normatizar o processo de interação.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), um dos recursos mais poderosos à disposição do falante é sem dúvida, o apoio do contexto situacional em que se encaixa a comunicação. Contudo, esse contexto não pode ser estabelecido como um construto estático, referente ao



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ambiente físico, visto que as línguas naturais são por natureza, um fenômeno sensível ao contexto. Mas os eventos de fala variam muito em relação à dependência contextual.

Conforme Velasco e Sousa (2007) a concepção sociointeracionista de linguagem vale-se das contribuições de todas as correntes da linguagem, inclusive estudo tradicionalista, prioriza o texto como unidade de estudo, sem excluir a sentença, os fonemas e os morfemas da língua. Por ser a mais apropriada para o estudo das línguas, atualmente a concepção sociointeracionista esta sendo adotada no mundo e no Brasil conforme se constata nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), do Ministério da Educação e do Desporto.

3 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A interação entre as pessoas é estabelecida pela linguagem, a qual é feita através do discurso, seja ele falado ou escrito. O discurso não é visto apenas como objeto da fala, ele também envolve interação e descreve a prática social. Fairclough (1992a e b, 1995a, 1995b) apud Caldas-Couthard (2008).

A análise do discurso é uma prática muito estudada no campo da linguística, sendo a fala o seu principal instrumento de pesquisa. A linguagem é uma das capacidades cognitivas mais flexíveis e de fácil adaptação às mudanças comportamentais. Ela é a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas e culturais geradas pela criatividade do ser humano. Através dela é feita a investigação das questões sociais e ideológicas que estão subentendidas no discurso, partindo do pressuposto que o discurso é construído na sociedade. Para Van Dijk 2010 (pg. 12):

“O discurso não é analisado apenas como objeto “verbal” autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política. Assim, em vez de simplesmente analisar uma conversação entre vizinhos talvez seja necessário fazer um trabalho de campo em uma vizinhança, observar como as pessoas falam em bares e lugares públicos e descrever muitos outros aspectos desses eventos comunicativos...”.

O propósito da Análise do Discurso (ADC) é o debate teórico e metodológico do discurso. Esta disciplina estuda texto e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

histórico. Essas práticas trazem como consequências demonstrações de poder, valores sociais, entre outros. Portanto, a ADC oferece uma valiosa contribuição de linguistas para o debate de questões ligadas a diferentes tipos de discriminação como racismo, a identidade de gênero e a exclusão social.

O discurso não reflete uma situação, ele é a situação, uma enunciação que torna possível considerar o desempenho da voz que o anuncia e, mais do que isso, ele é o contexto social em que é anunciado. Alguns autores defendem que o momento do discurso é um instante de práticas sociais.

Assim, a Análise do Discurso Crítica defende que toda análise parte de um problema, parte da identificação de um obstáculo, pois só assim é possível chegar à solução do problema. Segundo a teoria social do discurso existem três elementos que devem ser analisados: a prática social, o texto e a prática discursiva.

4 FORMAÇÃO CONTINUADA

Quando o professor escolhe por não considerar as variações linguísticas no momento de ministrar aulas, as consequências negativas surgem na aprendizagem da língua materna. As aulas passam a ser vinculadas somente à gramática normativa, seguindo os conceitos de “certo” ou “errado” e o conteúdo trabalhado é baseado no que deve ou não ser aceito na linguagem.

Para desenvolver nos alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla, sem separar a língua portuguesa do seu contexto social, é preciso empregar metodologias que interagem o português e o conhecimento cultural do educando.

Os docentes devem buscar mais conhecimento, aperfeiçoar a parte teórica em relação à Linguística Interacional, buscar uma formação continuada para gerar essa mudança em suas práticas pedagógicas.

Guimarães (2005) afirma que a busca pelos processos de formação inicial e continuada contribui para a construção de novas práticas compreendidas para além dos limites da transmissão de conhecimentos e das habilidades e desempenhos imediatamente visíveis.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Como é incumbida ao professor à tarefa de facilitar a aprendizagem dos alunos, cabe a ele ir à busca por atualizações em suas metodologias que sejam capazes de promover mudanças em seus métodos de ensino em sala de aula.

5 ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa teve abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender a realidade do ambiente escolar e facilitar a interação entre teoria e prática, uma vez que estas são essenciais na construção da aprendizagem e deve fazer parte de todo trabalho que se espera obter resultados eficientes.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p. 34),

[...] Na pesquisa qualitativa, não se procura observar a influência de uma variável em outra. O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber com os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam.

A pesquisa qualitativa diferencia-se das outras, porque ela não generaliza o elemento a ser analisado, seu principal objetivo é sempre compreender os fenômenos e não explicá-los, buscando o objeto na sua natureza sem modificá-lo.

5.1 Pesquisa 1

Conforme pesquisa realizada em um Centro de Ensino que integra a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal localizado na cidade do Gama/DF, tendo como sujeitos colaboradores alunos das séries finais do Ensino Fundamental e professores de Língua Portuguesa, é possível mostrar como os docentes vêm conciliando a diversidade linguística e as práticas pedagógicas empregadas em sala de aula. Foram feitas gravações de aulas regidas por 02 professores. Utilizou-se a letra “A” para a fala dos alunos e pseudônimo para os professores, os quais foram nomeados como sendo Cecília Meireles e Olavo Bilac.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Professora Cecília Meireles

Cecilia Meireles é gramaticista, desenvolve seu trabalho com base nos conceitos de certo para o que está de acordo com a gramática, e errado para as manifestações da língua que não correspondem às normas gramaticais.

Excerto 1

109. Cecília: tá bom (), de formas que. Isso político gosta de falar muito. De formas QUE achando que tá falando difícil, rebuscado, e aí ele começa a falar desse jeito né, mas qual que é a forma correta, não tem essa letra s. É de forma que. Agora o representante de turma passa adiante, pra próxima. Maneiras que fica a mesma coisa forma que, maneira que, fala-se assim mais é errado...

A professora explica aos alunos que às vezes a pessoas tentam se adequar à norma-padrão para ganhar credibilidade e serem respeitadas, só que o resultado é desastroso por elas não possuírem domínio dessa linguagem. Também enfatizou que a expressão utilizada é comum entres os falantes, mas a classificou com errada. Mussalim e Bentes (2007, p. 42) afirma que,

(...) A intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis seja na mídia, nas relações cotidianas, nos espaços institucionais etc. a rejeição a certas variedades linguísticas, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e usos de vocabulários é compartilhada sem maiores conflitos pelos não especialistas em linguagem. O senso comum opera com a ideia de que existe uma língua – o bem social a disposição de todos – que é adquirida distintivamente, em condições diversas, pelos falantes. Na realidade, existe sempre um conjunto de variedades linguísticas em circulação no meio social. Aprende-se a variedade que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades (...)

Nessa linha de reflexão, nota-se que o problema está em ensinar a língua portuguesa rejeitando as variedades linguísticas. Abordar a língua de forma homogênea é criar barreiras que dificultam a aprendizagem, pois em uma sala de aula, vai haver diversos modos de falar tentando se adequar a uma norma-padrão que não corresponde em nada com a realidade vivida por esses alunos.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Professor Olavo Bilac

O modo de agir desse professor é diferente dos gramaticistas tradicionais, e essa dissemelhança se deve ao fato de que Olavo possui formação em linguística, o que explica também certos procedimentos pedagógicos empregados para lecionar, como o fato dele não corrigir o aluno quando este se expressar usando a língua- não- padrão e os vários textos utilizados em suas aulas. O turno conversacional abaixo evidencia bem a utilização desses textos pelo professor.

Excerto 1

52 ...()Bem fizemos um apanhado da água...() fizemos um apanhado né, alguém que apanhê...() o apanhado da água é o seguinte...() não é uma dessa que eu queria não...() bem eu quero que um aluno... que gosta de ler assim como eu gosto, adoro leitura. A leitura é uma emoção indescritível né, mas eu quero um jovem leitor para fazer uma leitura de um texto, e o restante vai ouvi né, você vai ouvir a leitura...() pelo colega. Nós vamos ouvir a leitura, com muita atenção, com muito carinho, com muita emoção, só não pode chorar...() e enquanto isso, você deixa seu caderno aberto, porque assim que ela terminar, ela terminar a leitura né, você vai passar para o caderno com suas palavras, as ideias, o assunto...() do seu jeito.

Como pode ser observado, o professor usa textos, porém essa abordagem é feita de maneira equivocada, visto que Olavo os emprega mais como leituras adicionais, ou seja, como pretexto, pois ele não trabalha gramática dentro dos textos e no momento de abordar esses conteúdos o professor utiliza uma apostila que contém só exercícios descontextualizados. Além disso, ele não explica os gêneros textuais contidos nessas leituras.

De acordo com Bagno (2007, p.138),

(...) Essa é uma forma muito sutil de preconceito linguístico: abordar a variação linguística, mostrar que a língua é heterogênea para no final, insistir na preservação de um modelo idealizador de língua, de um padrão normativo extremamente rígido e conservador.

Essa atitude adotada por Olavo condiz perfeitamente com a afirmação de Bagno, pois ele modificou alguns pontos em sua maneira de lecionar, introduziu textos, mas somente é feito a leitura e não comenta nada sobre o gênero textual trabalhado. Isso mostra que as características predominantes em sala de aula ainda são de um professor que não conseguiu se



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

adaptar as mudanças nas práticas pedagógicas. O professor optou em mesclar as práticas de ensino sugeridas pela linguística com as tradicionais, as quais ele já fazia uso, mas não consegue ainda trabalhar os dois lados: mostrar as variantes, compará-las com a norma padrão e mostrar em quais situações os alunos devem usar uma ou outra.

Por ser um educador que passou parte de sua vida envolvido com uma metodologia que é mais impositiva que interativa, Olavo acaba se equivocando ao tentar mudar sua linha de trabalho. Portanto, a abordagem linguística que o professor acredita estar utilizando não contribui para o conhecimento do aluno, porque o trabalho é desenvolvido com muito texto, contudo a leitura não está vinculada com os conteúdos gramaticais, e esse método empregado dessa forma não agrega conhecimentos aos educandos. Não basta afirmar que conhece e que aplica os saberes da linguística, se não relaciona o conhecimento obtido dentro da metodologia correta.

5.2 Entre a teoria e a prática dos Professores Colaboradores: Uma Reflexão

Ao fazer um comparativo das observações e gravações, fica bem nítido que a teoria não corresponde com as práticas utilizadas em sala de aula. Destaca-se que em nenhum momento esses professores envolveram a diversidade linguística nas práticas pedagógicas utilizadas.

Percebe-se claramente que a formação desses professores foi estruturalista devido ao tempo que eles lecionam, pois ambos estão para aposentar-se. Então, torna-se difícil para esses educadores abandonar completamente uma metodologia, pois essa maneira de ensinar está arraigada em seus conhecimentos pedagógicos, pois foi dessa forma que seus professores os ensinaram. Compreender a Variação Linguística e reformular seu modo de ensinar será um grande desafio para esses professores, principalmente para Cecília que não possui formação na área da Linguística.

5.3 Pesquisa 2

A pesquisa foi realizada em Escolas que integram a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e particulares localizadas na cidade do Gama/DF, e escolas que integram a



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Rede Pública de Ensino do Goiás localizadas na cidade de Valparaíso/GO, tendo como sujeitos colaboradores Professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Os dados gerados mostram como os docentes têm trabalhado a norma padrão, não padrão e a variação linguística dentro de sala de aula.

A coleta de dados alcançados nesta pesquisa foi através de um questionário aplicado aos professores colaboradores, os quais serão identificados como: Ana a docente que leciona em turmas de 1º ao 3º ano nível médio em uma escola pública de Goiás, a pergunta sobre a sua formação acadêmica não foi respondida. Celia ensina em turmas do 1º ao 3º ano do nível médio em uma escola pública do Distrito Federal possui formação em letras, direito e especialização em direito público. Joana tem formação em letras e trabalha em turmas 5º ao 9º em uma escola pública do Distrito Federal. Maria é formada em letras-português, respondeu que possui especialização, mas não informo em qual área, leciona em turmas do 5º ao 9º ano e Rita não respondeu a questão sobre sua formação acadêmica, ela trabalha com turmas do 5º ao 9º ano, ambas lecionam em escolas particulares do DF.

O questionário apostado aos docentes suscitou os dados abaixo que serão analisados e interpretados

1 - QUAL SUA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA?

O objetivo de fazer esta questão foi compreender o que os professores entendiam por língua e se o conceito de língua deles abrangiam também os conceitos sociolinguísticos e se estes alcançariam a prática pedagógica utilizada por eles em sala de aula.

Ana: É o meio, um canal que determinados povos utilizam para se comunicarem por intermédio da fala ou da escrita.

Célia: A língua é essencial para que aconteça a comunicação, para que as pessoas possam interagir umas com as outras.

Joana: Conjunto de palavras e expressões usadas por uma nação.

Maria: A prática diária da leitura e a escrita, mediadas pelo professor, são fundamentos quando se considera a linguagem como forma de interação social.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Rita: A priori, um conjunto de regras e expressões como forma de comunicação usada em diferentes oportunidades.

2 - O QUE VOCÊ ENTENDE POR NORMA CULTA, NORMA PADRÃO E NORMA NÃO PADRÃO?

Foi percebido que os 05 professores ainda não compreendem esta distinção entre língua padrão e língua culta. Para eles a diferença do padrão e não padrão só está relacionado à variação de estilo formal e informal e não a questões sociais como classe social, grau de letramento, que é muito importante. Segundo Bagno (2007), “...Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra...”

Ana: Norma culta é falada e escrita em situações mais formais e por pessoas com mais escolaridade. As normas padrões se estabelecem ao longo de tempo/ convivências com outros.

Célia: Norma Culta é a utilizada de maneira formal; e, a não norma é a utilizada no dia a dia de maneira informal, visando apenas a comunicação; ou melhor, “o fazer entender-se”.

Joana: Padrão (culto) é a falada e escrita em situações mais formais por pessoas de maior instrução e escolaridade. Na linguagem culta há maior preocupação com a pronúncia das palavras, marcas da concordância, etc.

Maria: A norma culta está relacionada à gramática, no qual o falante pronuncia de forma correta. A norma não padrão, o falante usa uma linguagem mais simples de acordo com o seu meio social (linguística).

Rita: A norma culta infere-se de uma sociedade de nível sócio-cultural elevado como meios de veiculação; por conseguinte a forma padrão dar-se pelo modelo culto usado na escrita, que se abstem da forma não padrão de maneira simples (coloquial).

Os educadores revelam em seus discursos ter entendimento somente sobre o que é norma padrão e não padrão, e ainda foi possível observar o equívoco por partes deles ao acreditarem que norma padrão e norma culta são a mesma coisa. A norma culta é aquela utilizada, inclusive oralmente, por uma parcela da população pertencente a uma determinada



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

classe social, a qual é detentora de um grau elevado de estudos. Ela não é a gramática pura, mas é falada em um contexto formal que representa um status social. Contudo, percebe-se o desconhecimento do conceito de norma não padrão no cotidiano dos docentes.

3 - VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE DISCUTIR A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA PARA QUE O ALUNO APRENDA OS DIFERENTES REGISTROS DA LÍNGUA? POR QUÊ?

O objetivo desta questão foi compreender a opinião dos professores sobre a importância de trabalhar a variação linguística, ou seja, seu posicionamento sobre o tratamento deste assunto em sala de aula. Todos responderam afirmativamente a pergunta, dizendo que consideram importante a discussão da variação linguística na sala de aula, contudo, esses docentes transmitiram uma visão muito minimizada do que é variação linguística, eles demonstram não ter um conhecimento geral de todos os tipos de variação

Ana: Claro que sim. O aluno é um ser atuante na sociedade e deve além de conhecer, praticar seus conhecimentos linguísticos adequadamente.

Celia: Sim, porque o aluno precisa saber como se comunicar em qualquer lugar, respeitando as diferentes línguas, as diferentes; e, valorizando as potencialidades.

Joana: Certamente que sim, o aluno precisa saber que dentro de seu país existe as diferentes formas de falar, por exemplo, “mandioca” no nordeste é chamada de “aipim”, “macaxeira”. Há também nos diferentes sotaques das regiões como o “r” no nordeste é mais puxado.

Maria: Sim. Ele deve saber que nem todas as pessoas possuem um bom nível de escolaridade. Mesmo pronunciado inadequadamente, é preciso valorizar a comunicação desses falantes. Como diz Marcos Bagno: “desde que haja comunicação na fala, não há problema”.

Rita: Sim, e sempre que possível, de modo geral apresentar-lhes as diferenças, valorizando a cultura de cada um. Assim, os mesmos além de aprender sobre as diferenças regionalistas, colocam em prática o princípio da democrática.

Ao analisar as respostas dos docentes percebe-se o quanto eles confundem o termo “variação regionalista” com o de “variação linguística”. Suas respostas revelam pouco entendimento sobre o assunto. A professora Joana comentou sobre a variação diatópica, mas



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

não houve um aprofundamento que demonstrasse um conhecimento mais abrangente sobre o tema. Também se compreende na resposta da professora Maria uma visão errônea sobre as obras de Bagno, revelando uma característica de leitores que tiveram contatos superficiais sobre Linguística e que não aprofundaram seus estudos nesta área.

6 CONCLUSÃO

As percepções alcançadas na pesquisa 1 revelaram que é preciso aperfeiçoar a parte teórica do educador em relação à Sociolinguística Interacional para que ele possa efetuar mudanças nas metodologias empregadas para ensinar a Língua Portuguesa, que favoreçam uma abordagem que realmente envolva a diversidade linguística no ensino da norma padrão, pois a forma como vem sendo utilizada não tem agregado conhecimento aos alunos.

Os resultados da pesquisa 2 mostraram que não está ocorrendo à conciliação do ensino da norma padrão com a variação linguística, devido a carência de conhecimento por parte dos professores de língua portuguesa no que concerne à área de linguística, o que faz com que eles tenham muitas dificuldades no momento desenvolver seu trabalho pautado em uma metodologia que seja capaz de ensinar gramática normativa, mas sem ignorar as variações linguísticas presente no contexto social de cada aluno. A grande dificuldade encontrada na visão desses docentes é a compreensão do uso formal e informal da língua. A análise revelou que os docentes percebem a necessidade de modificações em suas práticas pedagógicas, talvez baseado em comum, pois não sabem como colocar em pratica essa nova metodologia.

Por meio da análise dos dados gerados pode-se concluir, ao menos no que diz respeito ao *locus* destas pesquisas, que é preciso aperfeiçoar a parte teórica do educador em relação à Sociolinguística Interacional para que ele efetue as mudanças metodológicas necessárias a fim de que possa ensinar a Língua Portuguesa envolvendo tanto a diversidade linguística quanto o ensino da norma-padrão.

Após a análise dos dados gerados nas duas pesquisas, que resultou neste artigo, surgiu o interesse em investigar como a interação dos professores de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação de Distrito Federal em curso de aperfeiçoamento ministrado pela EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do DF), com o curso



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

de formação continuada pode transformar a prática de ensino de Língua Portuguesa em sala de aula.

As conclusões deste trabalho poderão ser ampliadas posteriormente por se tratar de uma pesquisa em andamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **A Norma Oculta: Língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARTON, D. **Literacy: na introduction to ecology of written language**. Blackwell Publishers, Orford, UK, 1994. Tradução: Guilherme Veiga Rios.

BORTONI-RICADO, Stella Maris e FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. **Sociolinguística Educacional**. UFPB, 2009.

_____. **Nós Chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

COULTHARD-CALDAS, Carmen Rosa, SCLIAR-CABRAL, Leonor. (organizadoras) - **Desvendando discursos: conceitos básicos** - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança**- Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

FERRAREZI JUNIOR, Celso, **Guia do trabalho Científico: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Contexto, 2011.

GERARDI, João Wanderley, **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação Brasileira de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

GUIMARÃES, V.S. **Formação de professores** – saberes, identidade e profissão. 3ª. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2005.

KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, **A inter-ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto 2000. (repensando a Língua Portuguesa). LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**. Rio de Janeiro, 1981.

LUFT, Pedro Celso. **Língua e Liberdade: Por uma nova concepção da língua Materna**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2000.

MARTELOTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília. **Da Linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2003.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina, **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Luciano Amaral, 1964- **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. Luciano Amaral Oliveira. -São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POSSENTI, Siríó. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica para alunos de graduação e pós - graduação**. São Paulo: Loyola, 3ª ed., 2005.

REMÍGIO, Roberto. **A Língua Portuguesa e a Sociolinguística**. Publicado em <http://www.webartigos.com/>. Acesso em 21/07/15.

SOARES, Magda. **Letramento Um Tema em Três Gêneros**. 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmento e SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Pedagogia - Módulo III: Educação e Língua Materna II**. Brasília: Universidade de Brasília-UnB, 2007.